Vejam agora qual é a ordem misteriosa das comunicações inefáveis da vida íntima de Deus na Santíssima Trindade. O Pai, plenitude de vida, gera um Filho; e do Pai e do Filho, como um único princípio, procede o Espírito de Amor. Os três possuem a mesma eternidade, a mesma infinitude de perfeição, a mesma sabedoria, o mesmo poder, a mesma santidade, porque a natureza divina é idêntica nas três pessoas.

Contudo, cada pessoa possui características exclusivas: ser Pai, ser Filho, proceder do Pai e do Filho. Características que estabelecem entre as pessoas relações inefáveis e distinguem umas de outras. Existe uma ordem de origem sem que haja nem prioridade de tempo, nem superioridade hierárquica, nem relação de dependência.

Isso é o que nos diz a revelação. Não poderíamos chegar a conhecer tais verdades se não tivessem sido reveladas. No entanto, Jesus quis torná-las conhecidas por nós, para o exercício da nossa fé e maior alegria de nossas almas. Quando contemplarmos a Deus na eternidade, veremos que é essencial para a vida infinita e natural ao Ser divino ser um em três pessoas».

ARTIGO II

A INABITAÇÃO DA SANTÍSSIMA TRINDADE NA ALMA DO JUSTO

39. SUMA TEOLÓGICA I, 43; SUÁREZ, *De Trinitate* 12, 5; TERRIEN, *La gracia y la gloria*, L. 4 (Madri, 1943); FROGET, *De l'habitation du Saint Esprit dans les âmes justes* (Paris, 1900); GARDEIL, *La strcuture de l'âme et l'expérience mystique 2* (1927) 6-87; GALTIER, *L'habitation em nous des Trois Personnes* (Roma, 1950); RETAILLEAU, *La sainte Trinité dans les âmes justes* (Angers, 1932); PHILIPON, *La doctrina espiritual de sor Isabel de la Trinidad*, c.3; M. CUERVO, *La inhabitación de la Trinidad en toda alma en gracia* (Salamanca, 1945).

Vamos examinar as seguintes questões fundamentais: *existência, natureza, finalidade* e *modo de viver* o sublime mistério da inabitação divina nas almas.

1. Existência

40. A inabitação da Santíssima Trindade na alma do justo é uma das verdades mais claramente manifestadas no Novo Testamento[67]. Com uma insistência que mostra bem às claras a importância soberana desse mistério, o texto sagrado volta diversas vezes a inculcar-nos essa sublime verdade. Recordemos algumas das passagens mais marcantes:

«Se alguém me ama, guardará a minha palavra; meu Pai o amará, nós viremos a ele e nele faremos a nossa morada» (Jo 14,23).

«Deus é amor: quem permanece no amor, permanece em Deus, e Deus permanece nele» (1Jo 4,16).

«Acaso não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós? Se alguém destruir o santuário de Deus, Deus o destruirá, pois santo é o santuário de Deus, que sois vós» (1Cor 3,16-17).

«Não sabeis que vosso corpo é santuário daquele que habita em vós, o Espírito

Santo que recebestes de Deus e que não pertenceis a vós mesmos?» (1Cor 6,19). «Ora, nós somos o templo do Deus vivo» (2Cor 6,16).

«Guarda o precioso bem a ti confiado com a ajuda do Espírito Santo que habita em nós» (2Tm 1,14).

Como se vê, a Sagrada Escritura emprega diversas fórmulas para expressar a mesma verdade: Deus habita dentro da alma em estado de graça. Com preferência atribui-se essa inabitação ao Espírito Santo, não porque haja uma presença especial do Espírito Santo que não seja comum ao Pai e ao Filho[68], mas por uma *apropriação* muito conveniente, uma vez que esta é a grande obra do amor de Deus para o homem, e o Espírito Santo é o Amor essencial do seio da Santíssima Trindade.

Os Santos Padres, sobretudo Santo Agostinho, escreveram belíssimas páginas comentando o fato inefável da divina inabitação na alma do justo.

2. Natureza

41. Muito escreveram e discutiram sobre a natureza da inabitação das pessoas divinas na alma do justo. Vamos mencionar aqui somente as principais opiniões sustentadas pelos teólogos, sem pretender dirimir questões que somente de modo secundário afetam o objeto e finalidade de nossa obra. Seguem as opiniões:

1ª A inabitação consiste formalmente em uma união física e amistosa entre Deus e o homem, *realizada pela graça*, em razão da qual Deus, uno e trino, dá-se à alma e está pessoal e substancialmente presente nela, fazendo-a participante de sua vida divina.

Eis como explica essa doutrina o Pe. Galtier, que é um de seus devotos partidários: a graça é como um selo sobre matéria fluida. Assim, como é indispensável a constante aplicação do selo sobre matéria fluida para conservar-se a selagem, posto que do contrário o selo desapareceria, de maneira semelhante, para que se conserve a graça na alma – que é como uma selagem assimilativa da alma à natureza divina – é necessário que esta natureza divina permaneça sempre fisicamente presente[69].

Essa interpretação é rejeitada por muitos teólogos porque parece não transcender o modo comum da existência, por essência, de Deus em todas as coisas criadas.

2ª Outros teólogos, desde o século XIV em diante, interpretaram o pensamento do Doutor Angélico como se tivesse posto a causa formal da inabitação somente no conhecimento e amor sobrenaturais, independentemente da presença de imensidão, ou seja, exclusivamente na presença intencional. Suárez quis completar essa doutrina com a da amizade sobrenatural, que estabelece a caridade entre Deus e a alma, e que reclama e exige, segundo ele, a presença *real* – não só intencional – de Deus na alma. Desse modo, diz que, por força dessa amizade, Deus viria realmente à alma, ainda que

não estivesse nela sob qualquer outro título (como, por exemplo, pela presença de imensidão)[70].

Contudo, essa explicação de Suárez não deixou satisfeita a maior parte dos teólogos, porque a amizade, posto que pertence à ordem afetiva, não oferece uma explicação suficiente da presença formal das divinas Pessoas. O amor, como tal, não pode tornar fisicamente presente o amado, uma vez que é de ordem puramente intencional.

3ª. Um setor da escola tomista, a partir de JOÃO DE SANTO TOMÁS[71], interpreta o Doutor Angélico no sentido de que, *pressuposta antes de tudo a presença de imensidão*, a graça santificante, em razão das operações de conhecimento e amor procedentes da fé e da caridade, é a causa formal da inabitação das Pessoas divinas na alma do justo. De acordo com essa interpretação, o conhecimento e o amor não constituem a presença de Deus em nós, mas, pressuposto que Deus já está na alma pela presença geral de imensidão, a presença especial das Pessoas divinas consiste em seu conhecimento e amor sobrenaturais, ou seja, nas operações provenientes da graça.

Essa teoria, muito mais aceitável que a anterior, parece ter contra si, contudo, uma dificuldade insuperável. Se as operações de conhecimento e amor provenientes da graça santificante fossem a causa formal da inabitação trinitária, a inabitação deveria ser negada àquelas crianças batizadas antes do uso da razão, às almas justas durante o sono ou simplesmente distraídas, e a todos aqueles que em dado momento deixaram de realizar atos de conhecimento e amor para com as divinas Pessoas. À essa dificuldade, os partidários dessa teoria contrapõem que mesmo nesses casos haveria uma certa presença permanente da Trindade por meio da posse dos hábitos sobrenaturais de fé e de caridade, capazes de produzir essa presença. Todavia, esse argumento não satisfez a muitos teólogos, porquanto a possessão desses hábitos sobrenaturais unicamente nos daria a faculdade ou poder de *produzir* a inabitação ao traduzi-los em atos, mas sempre será verdade que enquanto isso não ocorrer, não teríamos a inabitação propriamente dita.

4ª. Por fim, outros teólogos[72] propugnam pela união da primeira com a terceira teoria como forma de explicar adequadamente o fato da divina inabitação. Segundo eles, as Pessoas divinas se fazem presentes de algum modo pela eficiência e conservação da graça santificante, posto que essa graça verdadeiramente nos dá uma participação física e formal da natureza divina como tal – coisa que não ocorre na eficiência e conservação das coisas puramente naturais – e, portanto, dá-nos uma participação no mistério da vida íntima de Deus. Conservam, todavia, intacto o princípio teológico certíssimo de que nas operações *ad extra* Deus opera como uno e não como trino. Assim, estando já de algum modo presente a Trindade na alma pela graça, o justo entra em contato com ela pelas operações de conhecimento e amor que brotam da mesma graça. Pela produção da graça, Deus se une à alma como princípio; e pelas operações de conhecimento e amor, a alma une-se às divinas Pessoas como termo dessas mesmas operações. Disso concluem que a inabitação trinitária é um fato *ontológico* e *psicológico*; em primeiro lugar *ontológico* (pela produção e conservação da graça); e em segundo lugar *psicológico* (pelo conhecimento e amor sobrenaturais).

Como se vê, as opiniões são muitas, e talvez nenhuma nos dê uma explicação inteiramente satisfatória do modo misterioso como se realiza a presença real das divinas Pessoas na alma do justo. Em todo caso, para a vida de piedade e progresso na perfeição, mais do que o *modo* como se realiza, interessa o *fato* da inabitação, sobre o qual todos os teólogos católicos estão absolutamente de acordo.

Ao prescindir, pois, das diversas teorias formuladas para explicar o modo da divina inabitação, vamos mostrar como se diferencia a presença de inabitação das outras presenças de Deus que a teologia identifica.

Com efeito, pode-se distinguir até *cinco* presenças de Deus completamente distintas:

1ª PRESENÇA PESSOAL E HIPOSTÁTICA. É a própria e exclusiva de Jesus Cristo homem. N'Ele a pessoa divina do Verbo não habita como em um templo, mas constitui sua própria personalidade, mesmo enquanto homem. Em razão da união hipostática Cristo-homem é uma pessoa *divina*, de nenhum modo uma pessoa humana.

2ª PRESENÇA EUCARÍSTICA. Na Eucaristia, Deus está presente de maneira *especial*, que somente nela ocorre. É o *ubi* eucarístico, que, ainda que de maneira direta e imediata afete unicamente o corpo de Cristo, indiretamente afeta também as três divinas Pessoas da Santíssima Trindade: o Verbo pela sua união pessoal com a humanidade de Cristo, e o Pai e o Espírito Santo pela *circumincessão* ou presença mútua das três Pessoas divinas entre si, que as faz absolutamente inseparáveis.

3ª PRESENÇA DE VISÃO. Deus está presente em todas as partes, como veremos a seguir, mas nem em todas deixa-se ver. A visão beatífica no céu pode ser considerada como uma presença especial de Deus, distinta das demais. No céu Deus *deixa-se ver*.

4ª PRESENÇA DE IMENSIDÃO. Um dos atributos de Deus é a sua *imensidão*, pela qual Deus está realmente presente em todas as partes, sem que possa existir criatura ou lugar onde ele não se encontre. E isso de três maneiras:

a) POR ESSÊNCIA, enquanto Deus está *dando o ser* a tudo que existe sem qualquer descanso, de modo parecido com uma gerador de energia elétrica que envia sem cessar a corrente elétrica que mantém uma lâmpada acesa. Se Deus suspendesse por um só instante sua ação conservadora sobre qualquer ser, este desapareceria, *ipso facto*, no nada, como uma lâmpada elétrica instantaneamente se apaga quando interrompemos a corrente. Nesse sentido, Deus está presente inclusive numa alma em pecado mortal e no próprio demônio, que não poderiam existir sem essa presença divina.

b) POR PRESENÇA, pois Deus tem continuamente diante de seus olhos os seres criados. Nenhum deles pode subtrair-se um só instante desse olhar divino.

c) POR POTÊNCIA, pois Deus mantém todas as criaturas submetidas ao seu poder. Com uma só palavra as criou e com uma só palavra poderia aniquilá-las.

5ª. PRESENÇA DE INABITAÇÃO. É a presença *especial* que Deus, uno e

trino, estabelece na alma justificada pela graça.

Em que essa presença de *inabitação* se diferencia da presença geral de *imensidão*?

Em primeiro lugar, deve-se dizer que a presença especial de inabitação supõe e requer previamente a presença geral de imensidão, sem a qual não haveria possibilidade da primeira. Todavia, a essa presença geral acrescentam-se duas coisas fundamentais, a saber: a *paternidade* e a *amizade* divinas. A primeira fundada na *graça santificante* e a segunda na *caridade*.

Vamos explicar um pouco essas duas realidades inefáveis.

a) A PATERNIDADE. Não se pode dizer, propriamente falando, que Deus seja Pai das criaturas na ordem puramente natural. É verdade que todas saíram de suas mãos criadoras e, esse fato, constitui Deus como *Autor* ou *Criador* de todas elas, mas de nenhum modo torna-o *Pai*. O artista que esculpe uma estátua de uma peça de madeira ou mármore é o autor da obra, mas não o seu *pai*. Para ser pai é preciso transmitir a própria vida, isto é, a própria natureza específica ao outro ser vivente da mesma espécie.

Por isso, para que Deus fosse, além de nosso Criador, também nosso Pai, era necessário que nos transmitisse sua própria natureza divina em toda a sua plenitude – e este é o caso de Jesus Cristo, Filho de Deus por natureza – ou, pelo menos, uma *participação* real e verdadeira dela: este é o caso da alma justificada. Em razão da *graça santificante*, que nos confere uma *participação* misteriosa, mas muito real e verdadeira, da própria natureza divina[73], nossa alma justificada torna-se verdadeiramente filha de Deus, por uma adoção intrínseca, muito superior às adoções humanas, puramente jurídicas e extrínsecas. A partir desse momento, Deus, que já habitava na alma por sua presença geral de imensidão, *começa aestar nela como Pai* e a vê-la como verdadeira filha sua. Esse é o primeiro aspecto da presença de *inabitação*, incomparavelmente superior, como se vê, à simples presença de imensidão. A presença de *imensidão* é comum a tudo o que existe (inclusive às pedras e até mesmo aos demônios). A *inabitação*, por sua vez, é própria e exclusiva dos filhos de Deus; supõe sempre a graça santificante e, portanto, não poderia ocorrer sem ela.

b) A AMIZADE. A graça santificante nunca vem sozinha. Leva consigo o maravilhoso cortejo das virtudes infusas, entre as quais se destaca como a mais importante e principal, a *caridade* sobrenatural. Como explicaremos no seu devido lugar, a caridade estabelece uma verdadeira e mútua *amizade* entre Deus e os homens: é sua própria essência[74]. Por isso, ao infundir a caridade sobrenatural na alma, juntamente com a graça santificante, Deus começa a viver nela de uma maneira inteiramente nova: já não está simplesmente como *autor*, mas também como verdadeiro *amigo*. Nisso reside o segundo aspecto, profundo e afetuoso, da divina inabitação.

Presença íntima de Deus, uno e trino, como *Pai* e como *Amigo*. Esse é o fato colossal que constitui a própria essência da inabitação da Santíssima Trindade na alma justificada pela graça e a caridade.

3. Finalidade

42. A inabitação trinitária em nossas almas tem uma finalidade elevadíssima, como não poderia deixar de ser. É o grande dom de Deus, o primeiro e o maior de todos os dons possíveis, uma vez que nos confere a possessão real e verdadeira do próprio Ser infinito de Deus. A própria graça santificante, embora sendo um dom de valor inestimável, vale infinitamente menos que a divina inabitação. Esta última recebe da teologia o nome de graça *incriada*, que a diferencia da graça habitual ou santificante, designada como graça *criada*. Há um abismo entre uma criatura, por mais perfeita que seja, e o próprio Criador.

A inabitação equivale, no cristão, à união hipostática na pessoa de Cristo, ainda que não seja ela, mas a graça habitual, a que nos constitui formalmente filhos adotivos de Deus. A graça santificante penetra e impregna formalmente nossa alma, *divinizando-a*. Todavia, a divina inabitação é como a encarnação ou inserção do absolutamente divino em nossas almas; do próprio ser de Deus, tal como é em si mesmo, uno em essência e trino em pessoas.

Duas são as principais finalidades da divina inabitação em nossas almas. Vamos expô-las através das seguintes proposições:

Conclusão 1: A Santíssima Trindade inabita em nossas almas para fazer-nos participantes de sua vida íntima e divina e transformar-nos em Deus.

43. A vida íntima de Deus consiste, como já dissemos, na processão das pessoas divinas – o Verbo, do Pai, por geração intelectual, e o Espírito Santo, do Pai e do Filho, por via de processão afetiva – e na infinita complacência que nele experimentam as pessoas divinas entre si.

Pois bem, por incrível que pareça esta afirmação, a inabitação trinitária em nossas almas tem, como meta suprema, fazer-nos participantes do mistério da vida íntima divina, *associando-nos a Ele* e transformando-nos n'Ele, na medida do possível para uma simples criatura. Ouçamos São João da Cruz, doutor da Igreja universal – explicando essa incrível maravilha[75]:

«Este aspirar da brisa é uma capacidade que, segundo a própria alma o diz, lhe será dada por Deus, na comunicação do Espírito Santo. É este que, a modo de sopro, com sua aspiração divina, levanta a alma com grande sublimidade, informando-a e habilitando-a *para que aspire em Deus aquela mesma aspiração de amor com que o Pai aspira no Filho, e o Filho no Pai, e que não é outra coisa senão o próprio Espírito Santo*. Nesta transformação, o divino Espírito aspira a alma, no Pai e no Filho, a fim de uni-la a si na mais íntima união. Se a alma, com efeito, *não se transformasse nas três divinas Pessoas da Santíssima Trindade, num grau revelado e manifesto, não seria verdadeira e total a sua transformação*.

Essa aspiração do Espírito Santo na alma, com que Deus a transforma em si, causa-lhe tão elevado, delicado e profundo deleite, que não há linguagem mortal capaz de o

exprimir; nem o entendimento humano enquanto tal pode conceber algo do que seja.

Não é, pois, coisa impossível a alma atingir tão grande altura, que a alma aspire em Deus, por participação, como Deus nela aspira. Se Deus, de fato, lhe concede a graça de ser unida à Santíssima Trindade, tornando-se a alma, assim, *deiforme e Deus por participação*, como podemos achar incrível que ela tenha em Deus todo o seu agir, quanto ao entendimento, compreensão e amor, ou, dizendo melhor, sejam suas operações todas feitas na Santíssima Trindade, juntamente com ela, com a mesma Santíssima Trindade? Assim o é, porém, por comunicação e participação, sendo Deus quem opera na alma. Nisto consiste a transformação da alma nas três divinas pessoas, em poder, sabedoria e amor; nisto também se torna a alma semelhante a Deus, e para chegar a esse fim é que foi criada à sua imagem e semelhança.

Ó almas criadas para estas grandezas e *a elas chamadas*! Que fazeis? Em que vos entretendes? Baixezas são as vossas pretensões e tudo quanto possuís não passa de misérias. Oh! Miserável cegueira dos olhos de vosso espírito! Pois para tanta luz estais cegas; para tão altas vozes sois surdas; não vedes que, enquanto buscais grandezas e glórias, permanecei miseráveis e vis, sendo ignorantes e indignas de tão grandes bens!».

Até aqui, São João da Cruz. De fato, a apóstrofe final do sublime místico está plenamente justificada. Diante da perspectiva soberana de nossa total transformação em Deus, o cristão deveria desprezar radicalmente todas as misérias da terra e dedicar-se com ardor incontido em intensificar cada vez mais sua vida trinitária até elevar-se, pouco a pouco, aos mais altos cimos da união mística com Deus. É o que Ir. Elisabete da Trindade pedia sem cessar aos seus divinos hóspedes: «Que nada possa perturbar minha paz, nem me fazer sair de Vós, ó meu Imutável! Que cada minuto me leve mais longe na profundidade de vossos mistérios».

Não obstante, que não se pense que essa total transformação em Deus, de que falam os místicos experimentais, como coroamento supremo da inabitação trinitária, tem um sentido panteísta de absorção da própria personalidade na torrente da vida divina. Nada mais distante disso. A união panteísta não é propriamente união, mas negação absoluta da união, posto que uma das partes, a criatura, desaparece ao ser absorvida por Deus. A união mística não é isso. A alma transformada em Deus jamais perde sua personalidade criada. Santo Tomás nos dá o exemplo, extraordinariamente gráfico e expressivo, do ferro incandescente que, sem perder sua própria natureza de ferro, adquire as propriedades do fogo e faz-se fogo por participação[76].

Ao comentar essa divina transformação com base na imagem do ferro incandescente, escreve com acerto o Pe. Ramière[77]:

«É verdade que o ferro abrasado assemelha-se ao fogo, mas não de tal modo que o mais hábil dos pintores não possa reproduzir, servindo-se das mais vivas cores; a

semelhança somente pode resultar da presença e ação do próprio fogo. A presença do fogo e a combustão do ferro são duas coisas distintas, pois esta é a maneira de ser do ferro e, aquela, uma relação do ferro com uma substância estranha. Todavia, as duas coisas, por distintas que sejam, são inseparáveis; o fogo não pode unir-se ao ferro sem abrasá-lo, e a combustão do ferro não pode resultar senão de sua união como o fogo.

Assim, a alma justa possui em si mesma uma santidade distinta do Espírito Santo. Contudo, essa santidade é inseparável da presença do Espírito Santo na alma e, portanto, é infinitamente superior à mais elevada santidade que poderia alcançar uma alma na qual não habitasse o Espírito Santo. Essa alma, sem o Espírito Santo, não poderia ser divinizada senão *moralmente*, pela semelhança de suas disposições com as de Deus. O cristão, pelo contrário, é divinizado *fisicamente* e, em certo sentido, *substancialmente*, uma vez que, sem converter-se em uma mesma substância e em uma mesma pessoa com Deus, possui em si a substância de Deus e recebe a comunicação de sua vida».

Conclusão 2: A Santíssima Trindade inabita em nossas almas para dar-nos a plena possessão de Deus e o gozo fruitivo das pessoas divinas.

44. Duas coisas estão contidas nessa conclusão. Vamos examiná-las em separado.

a) PARA DAR-NOS PLENA POSSESSÃO DE DEUS. Dizíamos ao falar da presença divina de imensidão que, em razão da mesma, Deus estava intimamente presente em todas as coisas – inclusive nos próprios demônios do inferno – por essência, presença e potência. No entanto, um ser que não tenha outro contato com Deus, a não ser o proveniente dessa presença de imensidão, propriamente falando *não possui* a Deus, posto que esse tesouro infinito não lhe pertence de modo algum. Ouçamos novamente o Pe. Ramière[78]:

«Podemos imaginar um homem paupérrimo junto a um imenso tesouro, sem que essa proximidade o enriqueça, pois o que torna rico não é o fato de estar próximo, mas a *posse* do ouro. Essa é a diferença entre a alma justa e a do pecador. O pecador, mesmo o já condenado, tem ao seu lado e *em si mesmo* o bem infinito e, não obstante, permanece em sua indigência, porque esse tesouro não lhe pertence. Por outro lado, o cristão em estado de graça tem em si o Espírito Santo, e com Ele a plenitude das graças celestiais, *como um tesouro que lhe pertence por propriedade* e do qual pode servir-se quando e conforme lhe parecer.

Quão grande é a felicidade do cristão! Que verdade, bem compreendida pelo nosso entendimento, para dilatar nosso coração! Que influxo em nossa vida inteira, se a tivermos constantemente diante dos olhos! A persuasão que temos da presença real do corpo de Jesus Cristo no cibório inspira-nos o mais profundo horror à profanação desse vaso de metal. Que horror também teríamos à menor profanação do nosso corpo, se não perdêssemos de vista aquele dogma de fé, tão certo como o primeiro, a saber, *a presença real em nós do Espírito de Jesus Cristo*! Porventura o divino Espírito é menos santo do que a carne sagrada do Homem-Deus? Ou pensamos que Ele dá, à santidade desses cálices de ouro e templos materiais, mais importância que aos seus templos vivos e tabernáculos espirituais?».

Com efeito, nada deveria preencher de tanto horror o cristão como a possibilidade de perder esse tesouro divino pelo pecado mortal. As maiores calamidades e desgraças que possamos imaginar no plano puramente humano e temporal – enfermidades, calúnias, perda de todos os bens materiais, morte dos entes queridos, etc... – são brincadeiras e causa de riso se comparadas com a terrível catástrofe que representa para a alma um só pecado mortal, pois nesse caso a perda é absoluta e rigorosamente *infinita*.

b) PARA DAR-NOS O GOZO FRUITIVO DAS PESSOAS DIVINAS. Por mais isto nos cause surpresa, essa é uma das finalidades mais profundas e afetuosas da divina inabitação em nossas almas.

O príncipe da teologia católica, Santo Tomás de Aquino, escreveu em sua Suma Teológica estas surpreendentes palavras[79]:

«Diz-se que possuímos somente aquilo de que podemos livremente usar e fruir. Pois bem, somente pela graça santificante temos o poder de desfrutar das Pessoas divinas «potestatem *fruendi* divina persona». Pelo dom da graça santificante é aperfeiçoada a criatura racional, não só para usar livremente aquele dom criado, mas também para *gozar da própria Pessoa divina* («ut ipsa persona divina *fruatur*»)».

Os místicos experimentais comprovaram na prática a profunda realidade dessas palavras. Santa Catarina de Sena, Santa Teresa, São João da Cruz, Ir. Elisabete da Trindade e muitos outros, falam de experiências trinitárias inefáveis. Às vezes, suas descrições desconcertam os teólogos especulativos, demasiadamente aficionados, talvez, em medir a grandeza de Deus com a miopia da pobre razão humana, ainda que iluminada pela fé[80].

Ouçamos alguns testemunhos explícitos dos místicos experimentais:

SANTA TERESA: «O nosso bom Deus quer já tirar-lhe as escamas dos olhos, bem como que veja e entenda algo da graça que lhe é concedida – embora isso se efetue de um modo um tanto estranho.

Introduzida a alma nesta morada, mediante visão intelectual se lhe mostra, por certa espécie de representação da verdade, a Santíssima Trindade – Deus em três Pessoas: Primeiro lhe vem ao espírito uma inflamação que se assemelha a uma nuvem de enorme claridade. Ela vê então nitidamente a distinção das divinas Pessoas; por uma notícia admirável que lhe é infundida, entende com certeza absoluta serem as três uma substância, um poder, um saber, um só Deus.

Dessa maneira, o que acreditamos por fé é entendido ali pela alma por vista, se assim o podemos dizer, embora não seja vista dos olhos do corpo nem da alma, porque não se trata de visão imaginária. Na sétima morada, comunicam-se com ela e lhe falam as três Pessoas. Elas lhe dão a entender as palavras do Senhor que estão no Evangelho:

que viria Ele, com o Pai e o Espírito Santo, para morar na alma que o ama e segue os seus mandamentos (Jo 14,23).

Oh! Valha-me Deus! Ouvir essas palavras e crer nelas é uma coisa; entender a sua verdade pelo modo de que falo é algo inteiramente diverso! E cada dia se espanta mais essa alma, porque lhe parece que as três Pessoas nunca mais se afastaram dela. Pelo contrário, vê nitidamente – do modo que dissemos (por visão intelectual) – que estão em seu interior. E, no mais íntimo de si, num lugar muito profundo – que ela não sabe especificar porque é ignorante – percebe em si essa divina companhia»[81].

SÃO JOÃO DA CRUZ: Já incluímos na conclusão anterior um texto extraordinariamente expressivo. Agora, vamos ouvi-lo ponderar o deleite inefável que a alma experimenta em sua sublime experiência trinitária:

«Daí a delicadeza inexprimível do deleite sentido neste toque; nem queria eu falar nisso, para não se pensar que é apenas como digo, e não mais. Na verdade, não há termos capazes de declarar coisas tão subidas de Deus, como as que se passam nestas almas; por isto, a linguagem própria é somente entender dentro de si, e sentir no íntimo, calando e gozando quem o recebe... E assim, verdadeiramente, só se pode dizer que 'a vida eterna sabe'. Embora nesta vida não se goze perfeitamente desse toque como na glória, contudo, por ser toque de Deus, *a vida eterna sabe*»[82].

IR. ELISABETE DA TRINDADE: «Eis como entendo ser a «casa de Deus»: vivendo no seio da serena Trindade, em meu abismo interior, nessa fortaleza inexpugnável do santo recolhimento, de que fala São João da Cruz.

Davi cantava: «Minha alma desfalecida se consome suspirando pelos átrios do Senhor» (Sl 84,3). Parece-me que esta deve ser a atitude de toda alma que se recolhe em seus átrios interiores, para ali contemplar Deus e pôr-se em contato estreitíssimo com Ele. Sente-se, diante da presença deste Amor todo poderoso, desta majestade infinita que habita nela, desfalecer-se em um divino desvanecimento. Não é a vida que a abandona, é ela que despreza essa vida natural e que se retira, porque sente que não é digna de sua essência tão rica, e que vai morrer e desaparecer em seu Deus»[83].

Esta é, em toda a sua sublime grandeza, uma das finalidades mais profundas e afetivas da inabitação da Santíssima Trindade em nossas almas: dar-nos uma experiência inefável do grande mistério trinitário, como um pré-gozo e uma antecipação da bem-aventurança eterna. As pessoas divinas se entregam à alma para que *gozemos delas*, conforme a surpreendente terminologia do Doutor Angélico, plenamente comprovada na prática pelos místicos experimentais. E ainda que esta inefável experiência constitua, sem dúvida alguma, o grau mais elevado e sublime da união com Deus, não representa, contudo, um favor do tipo «extraordinário» como os das graças «*gratis datæ*». Pelo contrário, faz parte do desenvolvimento normal da graça santificante, e *todos os cristãos são chamados a essas alturas* e a elas chegarão, efetivamente, se forem perfeitamente fiéis à graça e não paralisarem, com suas contínuas resistências, a ação santificadora progressiva do Espírito Santo. Ouçamos Santa Teresa proclaman-

do abertamente essa doutrina:

«Vede que o Senhor convida a todos. Ele é a própria verdade, não há porque duvidar. *Se não fosse geral esse convite*, Ele não nos chamaria a todos e, mesmo que chamasse, não diria: «Eu vos darei de beber» (Jo 7,37). Ele poderia dizer: vinde todos porque, afinal, não perdereis nada; e darei de beber a quem eu quiser. Mas como Ele disse: sem impor essa condição, '*a todos*', tenho por certo que não faltará dessa água viva a todos quantos não ficarem pelo caminho»[84].

Vale a pena, pois, de nossa parte, fazer tudo quanto possível para dispormos, com a graça de Deus, fruir, ainda neste mundo, dessa inefável experiência trinitária. Vamos recordar os principais meios para isso.

4. Modo de viver o mistério da divina inabitação

Ao expor a espiritualidade eminentemente trinitária de Ir. Elisabete da Trindade, o Pe. Philipon assinala com muito acerto a maneira com que vivia esse mistério a célebre carmelita de Dijon[85]. Suas características essenciais podem ser reduzidas a estas quatro: *fé viva, caridade ardente, recolhimento profundo e atos fervorosos de adoração*. Vamos examiná-los brevemente, um a um.

45. a) Fé viva. Ouçamos o que diz o Pe. Philipon no local citado:

«Para avançar com segurança «neste caminho magnífico da Presença de Deus», a fé é o ato essencial, é o único que nos dá acesso ao Deus vivo, mas oculto. «Sem a fé é impossível agradar a Deus» (Hb 11,6); é São Paulo quem fala assim e ainda acrescenta: «A fé é fundamento daquilo que ainda se espera e prova de realidades que não se veem» (Hb 11,1). Quer dizer, a fé faz com que sejam de tal maneira certos e presentes os bens futuros, que eles se tornam realidade em nossa alma e subsistem nela antes que os desfrutemos. São João da Cruz diz que ela «nos serve de pedestal para ir a Deus» e que é «a posse na obscuridade». Somente ela pode nos dar as verdadeiras luzes sobre Aquele que amamos. A alma deve escolhê-la como meio para chegar à união bem-aventurada. É a fé que derrama abundantemente em nosso interior todos os bens espirituais».

Essa fé viva é que nos leva a recordar incessantemente o grande mistério permanente em nossas almas. O exercício da *presença de Deus* – de cuja grande eficácia santificadora parece-nos ocioso ponderar – revela aqui toda a sua força e razão de ser. É preciso recordar, com a maior frequência que a debilidade humana nos permita, que «somos templos de Deus» e que «o Espírito de Deus habita em nós». Na realidade, este deveria ser o pensamento único, a ideia fixa e obsessiva de toda alma que aspira verdadeiramente à santificação. Esse ponto de vista é, sem dúvida, básico e essencial. Tudo o que nos distraia ou afaste desse exercício fundamental, representa para nós dissipação e desvio da rota direta que conduz a Deus.

Não é preciso, para isso, *sentir* a Deus. A fé é inteiramente suprassensível e

inclusive suprarracional. No melhor dos casos, deixa-nos entrever a Deus em um misterioso *claro-escuro* que, com frequência, não é outra coisa senão um *face a face na escuridão*. A alma que deseja realmente se santificar deve prescindir em absoluto de suas sensibilidades e caminhar para Deus, de maneira valente e esforçada, por entre todas as solidões e trevas. Assim o praticava a carmelita de Dijon[86].

«Sou a pequena reclusa de Deus e, quando entro em minha querida cela para continuar com Ele o colóquio começado, uma alegria divina apodera-se de mim. Amo tanto a solidão com Ele somente! Levo uma pequena vida de eremita verdadeiramente deliciosa. Estou muito longe de sentir-me livre de impotências; também tenho necessidade de buscar meu Mestre que se oculta muito bem. Porém, desperto então minha fé e fico muito feliz de não desfrutar de sua presença, para fazer com que ele desfrute do meu amor».

Esse espírito de *fé viva* é o melhor procedimento e o caminho mais rápido e seguro para conduzir-nos a uma vida de ardente amor a Deus, que, além disso, é muito mais valorosa.

46. b) Caridade ardente. A caridade, com efeito, é melhor e vale mais que a fé. É absolutamente impossível ter fé sem caridade, pois seria apenas uma fé *informe*, sem qualquer valor santificante. A caridade, por outro lado, é a rainha de todas as virtudes e sempre está unida, de modo inseparável, à graça divina e à Sua presença de inabitação.

A caridade nos une a Deus mais intimamente que qualquer outra virtude. Ela é a única que tem por objeto, direto e imediato, o próprio Deus como fim último e sobrenatural. Como Deus é a santidade por essência e não há nem pode haver outra santidade possível que a que d'Ele recebemos, segue-se que a alma será tão mais santa quanto mais próxima se achegar a Deus pelo impulso da caridade. A fórmula tão conhecida: *a santidade é amor*, expressa uma autêntica e profunda realidade. Por isso, o primeiro e o maior de todos os preceitos de Deus teria que ser, forçosamente, este: «Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e com toda a tua força» (Dt 6, 5; Mc 12, 30).

A Sagrada Escritura e a tradição cristã universal, através dos Padres da Igreja, dos doutores e dos santos, estão unanimemente de acordo em conceder à caridade a primazia sobre todas as virtudes. Ela é «o pleno cumprimento da Lei», como diz São Paulo em frase lapidar (Rm 13, 10). Santo Agostinho escreveu, sem que ninguém até hoje o refutasse, aquela frase simplificadora: «Ama e faze o que quiseres». São Bernardo dizia que «a medida do amor de Deus é amá-lo sem medida». E o grande teólogo da Igreja, Santo Tomás de Aquino, escreveu enfaticamente: «Formalmente, o amor é a vida da alma,

assim como a alma é a vida do corpo»[87].

São João da Cruz expressou num pensamento sublime a primazia do amor: «Ao entardecer da vida examinar-te-ão no amor. Aprende a amar como Deus quer ser amado e deixa tua condição»[88].

Segue abaixo uma breve exegese desse esplêndido pensamento:

a) AO ENTARDECER, isto é, ao declinar do dia de nossa vida mortal.

b) EXAMINAR-TE-ÃO NO AMOR: a caridade constituirá a única assinatura – ou, pelo menos, a mais importante – sobre a qual haveremos de responder perante o supremo examinador (cf. Mt 25,34-40).

c) APRENDE A AMAR COMO DEUS QUER SER AMADO, isto é, «de todo o teu coração, de toda a tua alma e de todas as tuas forças» (Dt 6,5; Mc 12,30).

d) DEIXA TUA CONDIÇÃO: Deixa tua condição humana, teus objetivos egoístas, tua maneira puramente natural de conduzir-se. Deixa tua vida de filho dos homens, para realmente começar a viver tua vida de filho de Deus.

O que não significa que para santificar-se o cristão deve ingressar numa ordem religiosa de vida contemplativa para viver longe das coisas da terra. Seria um grande erro. A santidade é para todos e pode-se, de fato, alcançá-la em todos os modos de vida. O segredo está *em fazer todas as coisas por amor* – «quer comais, quer bebais, quer façais qualquer outra coisa, fazei tudo para a glória de Deus» (1Cor 10,31), ainda que seja um viver sem brilho e sem aparência alguma diante dos homens. Este foi o último pensamento que Ir. Elisabete da Trindade ofereceu à suas irmãs que recitavam ao seu lado as orações dos agonizantes: «Ao entardecer da vida tudo passa, só permanece o amor. É preciso fazer tudo por amor». Santa Teresinha de Lisieux, na véspera de sua morte, disse à sua irmã Celina que lhe pedia uma palavra de adeus: *Já vos disse tudo: a única coisa que importa é o amor.* Escreve a esse propósito o Pe. Philipon[89]:

«Aqui começa a diferença entre os santos e nós. Em suas ações os santos buscam a glória do seu Deus, «quer comam, quer bebam», enquanto muitas almas cristãs não sabem encontrar Deus nem sequer na oração, porque imaginam que a vida espiritual é algo inacessível, reservada a um pequeno número de almas privilegiadas, chamadas «místicas», e assim complicam tudo. A verdadeira mística é a do batismo, tendo em vista a Trindade e sob o selo do Crucificado, ou seja, na trivialidade de todas renúncias cotidianas».

47. c) Recolhimento profundo. É preciso, evitar a dissipação da alma e derramar-se inutilmente em exterioridades. Em qualquer gênero de vida que a Providência nos tenha desejado colocar, será sempre uma necessidade recolher-se ao interior de nossa alma para entrar em contato e em conversas

íntimas com nossos divinos hóspedes. É inútil tentar santificar-se no meio do bulício do mundo, sem renunciar à maior parte dos seus prazeres e diversões, por mais honestos e inocentes que sejam. Nem a espiritualidade monástica, nem a chamada «espiritualidade secular» poderá conduzir alguém aos ápices da perfeição cristã se a alma não renuncia, a qualquer custo, a tudo o que possa dissipá-la ou derramá-la ao exterior. Sem recolhimento, sem vida de oração, sem trato íntimo com a Santíssima Trindade presente no fundo de nossa alma, ninguém jamais se santificará, nem no claustro nem no mundo. Deveriam ter presente esse indiscutível princípio do recolhimento profundo os que propugnam com tanto entusiasmo uma espiritualidade perfeitamente compatível com todas as dissipações da vida mundana, sob pretexto de que «tudo deve ser santificado» e que o leigo «não pode se santificar à maneira dos monges» e que «não pode nem deve renunciar a nada daquilo que traz consigo a vida ordinária do mundo», à exceção, naturalmente, do pecado. Os que assim pensam podem ficar seguros de que alcançarão jamais os ápices da perfeição. Jesus Cristo dirigiu-se *a todos os cristãos*, não somente aos monges, quando pronunciou aquelas palavras que jamais perderão sua atualidade: «Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome cada dia a sua cruz e siga-me» (Lc 9,3).

48. d) Atos fervorosos de adoração. O recolhimento ao interior de nossa alma deve nos impulsionar a praticar, com frequência, fervorosos atos de adoração a nossos divinos hóspedes. Como se sabe, o mérito sobrenatural não consiste na mera posse dos hábitos infusos, mas no seu exercício ou na sua atualização[90]. Cada novo aumento de graça santificante traz consigo uma nova presença da Santíssima Trindade, ou seja, uma radicação mais profunda no mais íntimo de nossas almas[91].

Para isso, devemos praticar nossas devoções trinitárias com espírito fervoroso, enchendo-as de significado.

a) O «GLÓRIA PATRI ET FILIO» ..., que tantas vezes recitamos distraídos, é um excelente ato de adoração, louvor e glória à Santíssima Trindade. Dom Columba Marmión tinha adquirido o costume de associar, a cada *Gloria Patri* do final dos salmos, o pedido de sentir-se e viver cada vez mais intensamente sua filiação adotiva. É uma excelente prática, altamente santificadora.

b) O «GLORIA IN EXCELSIS DEO» da missa é uma magnífica oração trinitária, impregnada de louvor e amor. Muitas almas interiores fazem com que sua oração mental consista em percorrê-la lentamente, inundando a alma com os pensamentos sublimes que ela encerra, e deixando o coração arder suavemente no fogo do amor.

c) O «SANCTUS, SANCTUS, SANCTUS», que os bem-aventurados (profeta Isaías (Is 6, 3) e o vidente do Apocalipse (Ap 4, 8)) ouviram os anjos cantarem

no céu, deveria constituir-se para o cristão, já nesta vida, seu hino predileto de louvor e de glória à Santíssima Trindade.

d) O símbolo «QUICUMQUE» é outro motivo belíssimo de santa e fecunda meditação do mistério trinitário.

e) A MISSA DEVOTADA À SANTÍSSIMA TRINDADE era celebrada com frequência por São João da Cruz. Dizia ele em tom de graça: «estou firmemente persuadido de que a Santíssima Trindade é o maior de todos os santos no céu».

Enfim, há muitos outros meios de fomentar em nós atos de adoração à Santíssima Trindade. Muitas almas adaptam-se muito bem à meditação afetiva e tranquila da sublime «elevação» de Ir. Elisabete da Trindade: «Oh! Meu Deus, Trindade que adoro!» Outras preocupam-se em multiplicar atos de *adoração, reparação, petição e ação de graças,* que são próprios e específicos do *sacrifício,* como supremo ato de culto e veneração a Deus. Outros ainda seguem procedimentos e métodos diversos que o Espírito Santo os inspira. O importante é intensificar, de qualquer modo que se queira, o contato íntimo com as Pessoas divinas, que estão inabitando com profundo amor o mais íntimo de nossas almas.

CAPÍTULO III

A configuração com Jesus Cristo

Vamos estudar esta matéria com a máxima amplitude que nos permite o escopo dessa nossa obra. A configuração com Cristo é a própria finalidade da nossa vida cristã ordenada para a nossa santificação, inclusive com vistas à glorificação de Deus, finalidade última e absoluta da criação. No plano atual da divina Providência, não nos podemos santificar, nem glorificar a Deus, senão por Jesus Cristo e n'Ele. É, portanto, de importância capital ter ideias claras em relação a esse assunto importantíssimo.

49. É frequente destacar-se pouco, nas pregações e nos livros de piedade, o papel excepcional da pessoa de Jesus Cristo na nossa santificação. Por vezes, a devoção a Nosso Senhor ou ao Sagrado Coração de Jesus é destacada como um dos tantos meios para santificar-se, ao lado da leitura espiritual, do exame de consciência ou da regra de vida. Com isso a piedade dos fiéis é lamentavelmente deformada e faz-se com que eles concebam uma ideia muito equivocada daquilo que, de fato, constitui a pedra angular do edifício de nossa santificação.

Só seremos santos na medida em que vivamos a vida de Cristo ou, melhor ainda, na medida em que Cristo *viva sua vida em nós*. O processo de santificação é um processo de *cristificação*. O cristão deve converter-se em outro Cristo: *christianus, alter Christus*. Somente quando com toda exatidão e verdade pudermos repetir o «*eu vivo, mas não eu: é Cristo que vive em mim*» (Gl 2,20), poderemos estar seguros de haver chegado ao ápice da perfeição cristã.